

AS SALAS DE CINEMA E OS MODOS DE SER MODERNO
"CORPO ESPACIAL DO CINEMA: UMA CARTOGRAFIA DAS ANTIGAS SALAS DE
CINEMA DE RUA DE SANTA CATARINA"

Luís Eduardo Candeia¹, Bhrenda Batista², Gabriela Carolina Dreyer Rambo³, Alice de Oliveira Viana⁴,
Renata Rogowski Pozzo⁵

¹ Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo CERES - bolsistaPROIP/UDESC

² Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo CERES - bolsistaPROIP/UDESC

³ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo CERES - bolsistaPROIP/UDESC

⁴ Professora Departamento de Arquitetura e Urbanismo do CERES

⁵ Orientadora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo do CERES - sul.renate@gmail.com

Palavras-chave: Cinema. Memória. Patrimônio.

O presente resumo apresenta os resultados do projeto de pesquisa "Corpo espacial do cinema: uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina" no que concerne a parte da investigação que explora as salas de cinema enquanto expressão da modernidade, em sua dupla relação entre técnica e arte, e entender como o espectador se insere nesta nova forma de socialização.

As salas de cinema sempre estiveram ligadas a ideia do novo, do tecnológico e cosmopolita. Percebe-se esta característica desde os primeiros relatos da exibição cinematográfica no Brasil: Souza (2007), descreve que a primeira sala de cinema do país denominava-se "Salão de Novidades Paris", trazendo em seu nome fortes indícios da aspiração à modernidade desde os primórdios da atividade exibidora. No cenário catarinense, o cinema chega por meio de ambulantes, que percorriam a região litorânea do estado desde o início do séc. XX. As salas fixas começam a aparecer em meados de 1900, ao longo do estado. Na nova paisagem que se criava neste processo modernizador, os cinemas eram pontos de grande importância, pois eram nestas edificações que se expressavam os maiores atributos da modernidade corrente (CHARNEY; SCHWARZ, 2004).

As salas de cinema construídas especificamente para tal uso começam a aparecer em primazia na década de 1930, inserindo o público na era moderna não apenas pela tecnologia da imagem em movimento, mas também por sua configuração arquitetônica, sendo que grande parte das edificações se dá em estilo Art Déco, ou pelo menos remete às formas e estilemas desta linguagem, considerada nova e adequada a este uso, na época. São percebidos também esforços para a inserção no novo através da nomenclatura das salas, como por exemplo Cine Progresso e Cine Avenida. Além disso, para o espectador, ir ao cinema significava a imersão desse na era moderna vista em todo o mundo, e simultaneamente, a participação nas atividades socioculturais da comunidade.

A criação das salas dá-se analogamente ao desenvolvimento econômico do território, de forma que as mais antigas se encontram em cidades litorâneas de maior porte, seguidas pelas cidades com base na economia industrial, e por fim, adentra o estado e populariza-se na região oeste (FILHO, 2013). Desta forma, tem-se como resultado a atual configuração espacial das edificações, em que as cidades polo de cada região possuem o maior número de salas, o que possibilita também uma maior variedade arquitetônica. Com isso, analisa-se também como a arquitetura foi usada nestes casos para demarcar o público que o estabelecimento desejava. Enquanto isso, nas cidades com menos demanda para a atividade, as salas eram menores, mais simples e evocavam grande interação social. A partir disso, entende-se que as salas de cinema são pontos de grande importância na nova paisagem urbana que agora aspira a modernidade. Conforme Benjamin (1991), na modernidade, as próprias construções arquitetônicas e urbanísticas passam a ser vistas como obras de arte. Cinema e arquitetura, duas grandes artes impulsionadas pela expansão da indústria, reunidas em um único espaço pertencente à cidade, irradiando curiosidade e movimento.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter; KOTHE, Flavio Rene (org.). Walter Benjamin: sociologia. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FILHO, Alcides Goularti. Formação econômica de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.